

ALBERTO DE OLIVEIRA

---

CANÇÕES ROMANTICAS

---

1877 — 1878

---

RIO DE JANEIRO

*Typographia da — Gazeta de Noticias*

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

—oo—

van 1878  
4714 20

YAW  
869-9146  
0480

I

## APPARIÇÃO NAS AGUAS

A ARTHUR DE OLIVEIRA

I

Venus, a ideal pagan, que a velha Grecia um dia  
Vio esplendida erguer-se á branca flôr da espuma,  
Cysne do mar Yonio  
Mais alvo do que a bruma !  
Visão, filha, talvez, da ardente phantasia  
De um cerebro de deus ;

Venus, astro — no mar e lagryma — nos céus ;  
Venus, quando eu te vejo a resvalar tão pura  
Do oceano á flôr,  
Das aguas verde-azues na humida frescura:  
Vem da Grecia que é morta,  
Abre do céu a mysteriosa porta  
E em ti revive, ó perola do amor !

## II

E' como um sonho immenso de gigantes,  
Cortado de relampagos de assombros,  
Esse espasmo em que fico, quando vejo  
Desatar-se no olympico de um beijo  
Os teus longos cabellos ondeiantes  
Sobre o marmore sancto de teus hombros !  
Ha como o abrir de llyadas augustas  
No siderico espaço que dominas ;  
Um como céu de deuses que se rasga  
E um levantar de mysticas cortinas !  
Depois, no fundo azul de um quadro immenso,  
A visão núa, as carnes florescentes...

Sonhos... palitações... deslumbramentos...  
A voz apocalyptica dos ventos,  
    E um mysterio infinito  
A dilatar as palpebras dormentes!

## III

Que apparição de luz! Em breve, em breve  
    Vaes n'agua fluctuar!  
Ah! que as ondas, cruel! não sejam labios,  
    E eu não seja o mar!  
Hora esplendida e grande! No arvoredado  
Que te sombreia ha um cantico piedoso:  
Tudo recorda o Eden! Doce e a medo  
Uma suave viração farfalha,  
E ha uma benção que lucida se espalha  
    No azul religioso.  
Parece que uma eolica alegria  
Faz-se ouvir nas maritimas bafagens,  
Por sobre as amplas superficies cêrulas;  
E que em vez dos orvalhos se desfia  
    Um rosario de perolas  
Das encurvadas múrmuras ramagens!

## IV

Clytia, a filha de Héllade divina,  
Jamais foi vista assim do doudo amante  
No lacteo banho! Como a grega Ondina,  
Maior delirio e mais amor inspira  
    Teu corpo fluctuante  
Sobre as aguas do mar mansas e mansas!  
Ficam-te a flux as perfumadas tranças,  
Tal no banho aromatico a Hetaíra!

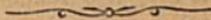
## V

Do meu amor os impetos não domas!  
E ah! quem, como eu, não te adorára,  
    Si visse n'onda clara,  
Como a suster-te, as tuas alvas pomas!  
Quem não sentira n'alma esses arrancos,  
Todo o ferver do interno cataclysmo,  
Ao ver-te núa, ao ver-te os seios brancos,  
    As sórmas de Diana,  
Banhadas de uma luz prometheana,  
O' sideral apparição do abysmo!

## VI

.....  
N'um relampago foges! A *alba* errante  
Tambem sumiu-se na irial torrente!  
Fechou-se a grande pagina brilhante  
Da Illyada dos deuses!

.....  
O sol ascende vagarosamente.





II

VAPOROSA

A ALUIZIO AZEVEDO

Passas na terra, sombra mysteriosa,  
Sob lucidas fórmãs deslumbrantes,  
E perdes-te depois n'uns céus distantes  
Entre os véus de uma estrella radiosa.

E a *alva*, que se ergueu miraculosa,  
Pergunta aos genios, ás visões errantes.  
Si não viram-te as azas alvejantes  
Do azul roçando a face luminosa.

Atravez do infinito resplendente  
Acompanho-te, ó luz ! sigo-te, estrella !  
E ao abrir das rosas do oriente,

Quando Venus do mar se ergue mais bella,  
Do antro azul sobre a irial torrente  
Vejo-te erguida inda maior que ella !



III

O IDOLO

A MANHÃES DE CAMPOS

Sobre um throno de marmore sombrio,  
N'um templo escuro e ermo e abandonado,  
Triste como o silencio e inda mais frio,  
Um idolo de gesso está sentado.

E, como a estranha mão, quebrando a medo  
A paz que envolve as funerarias urnas,  
Um orgão canta os psalmos de um segredo  
Pelas amplas abobadas soturnas.

---

Cae fóra a noite—um mar que se retrata  
Sobre outro mar—dois pélagos azues !  
N'um— as ondas, aleyones de prata,  
N'outro — os astros, aleyones de luz!

E de seu negro marmore no throno  
O idolo de gesso está sentado...  
— Assim um coração repousa em somno....  
Assim meu coração vive fechado.

---

IV

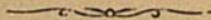
TRINDADES

AO DR FERREIRA DE ARAUJO

Sabes para onde vão meus pensamentos,  
Lá quando o sol nos cerros se reclina,  
E o coqueiral erguido na collina  
Abre o espatho dos ventos ao rumor?

Sabes para onde vão meus pensamentos,  
Nas horas em que a luz, que se desmaia,  
Chora no mar que geme sobre a praia  
A partida do sol que é seu amor?

Sabes para onde vão meus pensamentos ?  
— Ah! vão todos perdidos, vão a tóa  
Buscar a sombra de tua casa branca,  
Alevantada á beira da lagôa !



Pas  
Incl  
Ass  
A' i  
Acc

Sob  
Fec  
Se  
O n  
Qua

## V

## CALMA NO MAR

IMITAÇÃO DE MIÇKIEWICZ

Passa o vento de leve o pavilhão abrindo.  
Incha a vaga, marulha e após queda se estende :  
Assim virgem feliz por um sonhar inflndo  
A' illusão do amor, que adormentou-a e prende,  
Acorda n'um suspiro e readormece rindo.

Sobre as vergas em paz, ao bonançoso ar,  
Fecham-se as vellas, como ao fim de lucta horrivel  
Se dobram os pendões ; na marcha regular  
O navio se embala quasi que insensivel,  
Qual preso por cadêa ao fundo azul do mar.

Respira o marinheiro, e a multidão errante  
Canta rindo e fitando o páramo arquejante.

O' oceano ! ó mar ! entre os teus ledos filhos  
Ha um polypo que, estranho aos bonançosos brilhos,  
A' calma, ao céu, á luz, do fundo do teu berço  
Seus mil braços estende em um torpôr immerso.

O' pensamento humano ! em tuas profundezas  
Ha uma hydra feroz de ensanguentadas prezas,  
Que dorme ao batalhar dos Sonhos com a Paixão,  
E que, quando na paz se envolve o coração,  
Ahi vae mergulhar, matando os sentimentos,  
Suas garras crueis, como punhaes sangrentos !



Tu  
Te  
O  
Tu  
O  
O  
Tu  
D'o  
Ha  
No  
O s  
Un  
O s

## VI

### TENEBROSA

Tu és como as visões de um cerebro doente.  
Tens no teu grande amor o philtro da serpente.  
O arsenico do Mal matou-te o coração.  
Tu vives sem saber si acaso existe ou não  
O archanjo da Fé, o cherubim da Crença.  
O Tedio te envolveu nas azas da doença.  
Tu és como um Calvario onde não ha mais cruz,  
D'onde roubou-se o Christo e se extinguiu a luz.  
Ha as tristezas de um claustro, a solidão profunda,  
No teu céu sem clarões, no ar que te circumda.  
O silencio do chão em que se vae pousar  
Um feretro, essa paz sinistra, tumular,  
O silencio da dôr que enrosca-se á caveira,

Tem antenas p'ra ti, prende-te a vida inteira.  
 Tu és um lago escuro, um pantano fatal;  
 Em ti só cresce um lyrio—a negra flôr do Mal;  
 Tens no teu seio a Morte, e a superficie calma  
 Anda sempre a esconder-me o que te corre n'alma!  
 Seccas-te ao sol, á chuva, aos canticos do dia,  
 Assim como se extingue e se esvaece e esfria  
 Uma lagryma negra em palpebra de gelo.  
 Tu és a encarnação de um torvo pesadello,  
 Ligado á minha sombra e preso á minha dôr;  
 E's da Morte e da cova, e és do meu amor!

. . . . .  
 Que sejas triste, embora, e sejas muda, muda...  
 Que a Dôr crave-te mais sua lanceta aguda,  
 Que o Mal te dilacere e a Febre te ajcelhe,  
 Que a figura da Morte o teu semblante espelhe,  
 Que morda-te da Angustia a garra envenenada,  
 Que escutes a descer das solidões do Nada,  
 Como um velho tambor rufando compassado,  
 As musicas do Horror!... Que morras!

— Ao teu lado,

Aqui, em toda parte, a te seguir asinha,  
 Minha serás, mulher! eternamente minha!

VII

O COLLAR

Oh! quanto és bella agora  
A um raio que te beija  
A fronte onde branqueja  
A perola da aurora!

Beija-te' os pés e chora  
A fonte, e lacrymeja!  
Que tudo e o céu te veja!  
Oh! quanto és bella agora!

---

Do marmor na bancada  
A mão de uma alvorada  
Ahi deixou ficar,

— Mimo da luz á flôr, —  
De lagrymas de amor  
Um lucido collar!



VIII

A' SOMBRA DAS ARVORES

E' esplendida a alameda !  
Ao grande olhar divino  
O canto matutino  
Entôa Rig-Veda !

Esvoaçando leda,  
Ao matinal destino,  
A cada flôr um hymno  
A viração segreda !

---

Escorrem como a medo  
Das franças do arvoredo  
As lagrymas de um astro !

Oh ! doce maravilha !  
Vae tu colhel-as, filha,  
Ao cóllo de alabastro !

---

IX

QUADRO ANTIGO

A THEOPHILO DIAS

Da selva em que se abre o cactus,  
E onde o coqueiro esguio  
Remira os longos espathos  
No molle espelho do rio,

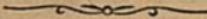
O amor por vezes eu libo,  
Na phantasia serena,  
Sonhando a filha morena  
De alguma guerreira tribu.

.....  
E' á calma de um dia ardente :  
Arqueja o jaguar com sede...  
Oh ! quem me dera essa rêde  
Que está de um ramo pendente !

— India dos bosques em paz,  
Que noite na tua côma !  
E sob teus pés que aroma  
Nas flôres do sassafráz !

Más quem de tão ledos brilhos  
Esta paisagem me traça,  
Si estão, ha muito, teus filhos  
Extinctos, cabocla raça !

.....  
Por muitas vezes eu libo  
Essa chimera serena...  
— Ah ! flôr das tabas morena,  
Que é feito de tua tribu ?





## O PRIMEIRO BEIJO

Ao seio bom das plantas,  
Ao seio perfumado  
Envia um beijo amado,  
O' sol que te alevantas!

Do amor divinizado  
As harmonias sanctas  
Cantae, cantae no prado,  
O' matinaes gargantas!

Esplenda á luz, ao canto,  
O que ha de puro e sancto;  
Eleve-se a espiral!

Que eu beijo-te, mimosa,  
A alvura setinosa,  
O seio virginal!



XI

VISÃO DAS RUINAS

A L. NICOLL

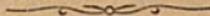
A historia dos falsos deuses,  
Suas mythicas legendas ;  
As tradições apagadas,  
As velhas extinctas lendas ;  
Os caídos monumentos,

Já sem plinthio e sem fachadas;  
Os alcaçares sombrios,  
Onde os genios erradios  
Vinham na alma dos ventos  
Chorar o amor dos heróes  
E o romance das rainhas;  
Os palacios derrocados,  
Ermos, sinistros e sós,  
Na muda noite plantados;  
Castellos já sem ameias,  
E os mochos e as andorinhas,  
Ensombrando os pavimentos;  
As subterraneas moradas  
De largos assombros cheias;  
As vastas fundas escadas,  
Os silenciosos retiros,  
As agrestes solidões,  
D'onde escapavam suspiros  
E as brancas aparições;  
Todas as velhas balladas,  
Todas as tragicas lendas,  
Todas aquellas imagens  
Ruinosas, frias, tremendas,  
Sinistras e desoladas;  
Atravez de cada idade,  
Do tempo á gasta ampulheta,  
Como Valmeyars que gyram,

---

Têm um lago onde reflectem-se,  
Um espelho aonde se miram,  
Maior do que a immensidade:

— E' o coração do poeta !





INTERIOR

A THOMAZ ALVES FILHO

Seria pouco mais de uma da madrugada.

Um filho, um'alma em flôr,  
Louro, angelico e puro,  
Despertando áquell'hora, a medo, pelo escuro,  
Pôz-se a chorar, chamando á lagryma arrastada  
Por um nome que é paz, conforto, luz e amor.

— Mãe !

E então a essa voz, que a toda e qualquer hora  
O coração escuta,  
Do leito conjugal a pallida madona,  
Casta, doce, impolluta,  
Como um sonho infantil, meiga como uma aurora,  
Se ergue, toma as mãos, os candidos bracinhos,  
Pendurados do berço,  
O corpo, aquella flôr nascida de uns carinhos,  
E ungingo-o de luz, no seu olhar immerso,  
Aos seios o conchega.

Oh! grande e eterno amor!  
Qual é mais do que tu? Ao teu supremo encanto,  
Sente aquelle que chora as bagas de seu pranto  
Transmudarem-se em luz de um mago resplendor!

Um raio de luar  
Baixou, como o clarão que desce de um altar,  
Por uma fresta, e alli permaneceu brilhante.  
A'quella nivea luz,  
Ao fundo,—emquanto a mãe amamentava o infante,  
Brilhava o corpo nú de um livido Jesus!

---

E, ah! talvez, quem sabe? áquelle mesmo instante,  
Em algum becco escuro,  
Os torpes libertinos das vielas  
Um jacto salivado de improperios  
Cuspiam ás estrellas!  
Emquanto á luz dos lampeões funereos,  
—Como sombras n'um chão de bacchanal,  
Uns cães magros uivavam tristemente,  
Trotando o lamaçal!



XIII

ONDULAÇÕES

A' flôr da vaga errante em placidez oscilla  
Um barco triste e escuro, ao mar abandonado:  
Banha um luar de jaspe o firmamento arqueado ;  
A noite é calma e doce, a viração tranquilla.

E áquella claridade incerta e duvidosa  
Brilha a esteira da espuma, o rasto luminoso ;  
E o navio sem dono e placido e morôso,  
Vae na onda imprimindo a sombra silenciosa.

De onde vem ? quem o leva e qual seu rumo e porto ?

.....

Ah ! quanta vez tambem n'um mar illimitado,

Emquanto o ar é puro e o páramo estrellado,

Não bóia o coração silencioso e morto !



XIV

TRIUMPHO SATANICO

A PEDRO PAULO DO AMARAL

Ao voltar uma vez do casarão sagrado,  
Onde a levava sempre o seu amor piedoso,  
Unido a um nome vil um ramo perfumoso  
Entre as folhas achou de seu missal doirado.

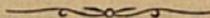
A'quella seducção do estúpido Peccado  
O phantastico olhar não lhe brilhou trevoso;  
O mimo arrebatando ao seio religioso,  
Guardou-o nas paixões do seio delicado.

---

O bom templo de Deus sentiu a mão profana  
Desse crime cruel. Naquellas sedas pretas  
Já não lhe havia um'alma !

Hosanna ! hosanna ! hosanna !

Soltem-se, pois, ao Mal as barbaras grilhetas !  
Tu só fragil não és, ó creatura humana !  
— Satan comprou Jesus com um ramo de violetas.



NA ALAMEDA

A. MARIANO DE OLIVEIRA

Pela alameda sombreada e fresca  
Eu e ella, ella um tanto romanesca,  
Um tanto aerea quasi, iamos indo...  
    Estava o dia lindo,  
E aos nossos pés, na molle humida arêa,  
Vestindo uns tons de ochre, um quasi louro,  
Uns fragmentos do sol das cinco e meia  
    Luziam semeados,  
    Como pedaços de ouro.

Uns grupos mythologicos de gesso,  
Aqui, além dispersos,  
Uns de um lago na margem,  
Outros á sombra, em doce paz immersos,  
Ao nosso andar surgiam,  
Como imprudentes Satyros que riam,  
Espieitando entre os claros da folhagem.

A rua um tanto morta,  
O ar calmo, parado,  
De um pequeno *chalet* romantizado  
Ouviamos fugindo pela porta  
Os sons d'uma aria soluçada ao piano !  
Mas além, para o mar,  
Talvez do ferreo cano  
De alguma embarcação, subia ás vezes  
Um som vibrante que acordava o ar.

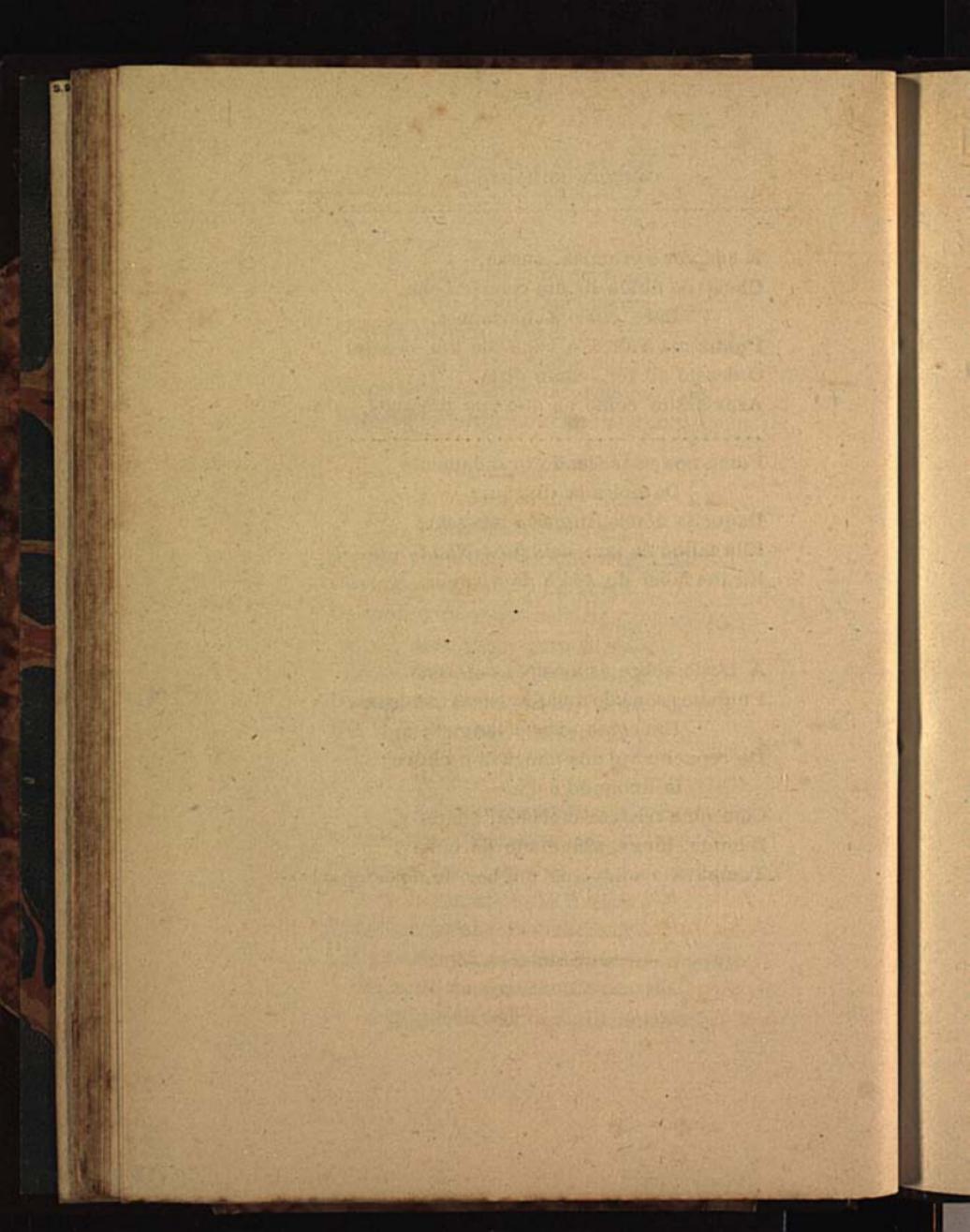
— As mãos postas nas minhas :  
Si tivesses azas ! Si um só dia  
Fossemos nós quaes são as andorinhas !  
E me fallou da Italia ;  
Era o seu idéal ! Por noite fria  
Um passeio no golpho, quando extatico  
O céu azul esplendido se espalha  
Se uegligenciando no Adriatico !

E sua voz rythmica, suave,  
Cheia do fluido de um ceeste beijo,  
Doce como a harmonia,  
Punha-me n'alma o vago de um desejo,  
O desejo de ter, como dizia,  
Azas assim como as que tem um'ave !

.....  
Fomo-nos esquecendo brandamente  
Da doirada illusão,  
Daquella douda, fugitiva imagem ;  
Ella fallou do lar: deixal-o? Não !  
Eu lhe fallei do tédio da viagem.

A tarde sobre as arvores ruidosas  
Punha os sons de umas musicas saudosas,  
Um como aneio langue ;  
Do repucho até nós chegava o chôro ;  
Ia findando o dia  
Com uma tristeza morbida, sombria,  
E longe, longe, alfinetado de ouro  
Tombava o sol, como um borrão de sangue !





XVI

TOILETTE LYRICO

A BELISARIO DE SOUZA

Trovadores do campo amadornado,  
Afinai a garganta ao desafio,  
E tecei com os do vento pelo rio  
Uns idyllios ao nitido azulado.

Poetas do lyrismo condemnado!  
Eu quero vos colher no som doentio  
A esse *spleen* matutino o desfastio,  
Com as caricias do ar romantizado.

---

Trovadores, cantai! O alpestre monte  
Já do seio cerrado do horizonte  
Sacóde as grandes barbas alvadias;

A' *moderna* se veste a natureza,  
E de um novo banquete á lauta mesa  
Ouço as risadas das manhãs vadias!



## XVII

### TENEBROSA

A PONTES JUNIOR

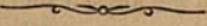
Sei que te apagas, que te esvaeas, que em breve,  
Triste, onde a luz do sol doirou meu rumo,  
Mas não verei que do meu sonho o fumo  
A me cercar n'uns halitos de neve ;  
Sei, e que importa, em teu olhar errante  
Chispe essa luz tão íntima e tão pura,  
Que já te morde o seio palpitante  
O horror da sepultura !

A sagrada irrisão não vem-me á vida,  
Como um bronze, esmagar-me o pensa lento ;  
Sei me erguer, si me abate o sofrimento,  
Sei sorrir, quando sangra-me a ferida ;

Não que a alma de cynica não trema,  
Nem o espirito encha um lume baço ;  
Mas é que o peito, quando a dôr extrema,  
Tem a rijeza do aço !

Que á tona d'esse rio te embalance  
A ultima esperança resplendente,  
Até que, quando a vista não te alcance,  
Submerja-te a perfida corrente ;  
— Eu que espalhei por todo o céo meus sonhos,  
Que soltei pelo azul das alvoradas  
Esse bando de passaros risonhos,  
Essas pombas sagradas ;

Eu lhes direi, ás intimas errantes,  
Que, quando subas ás regiões serenas,  
Tragam, volvendo á terra, uma das pennas  
Que te enfeitam as azas deslumbrantes ;  
E n'esse grande amor que inda me aviva,  
A's tristezas achando um desafoço,  
Vêr-te-hei sempre minha, qual si viva,  
Corôada de um circulo de fogo !

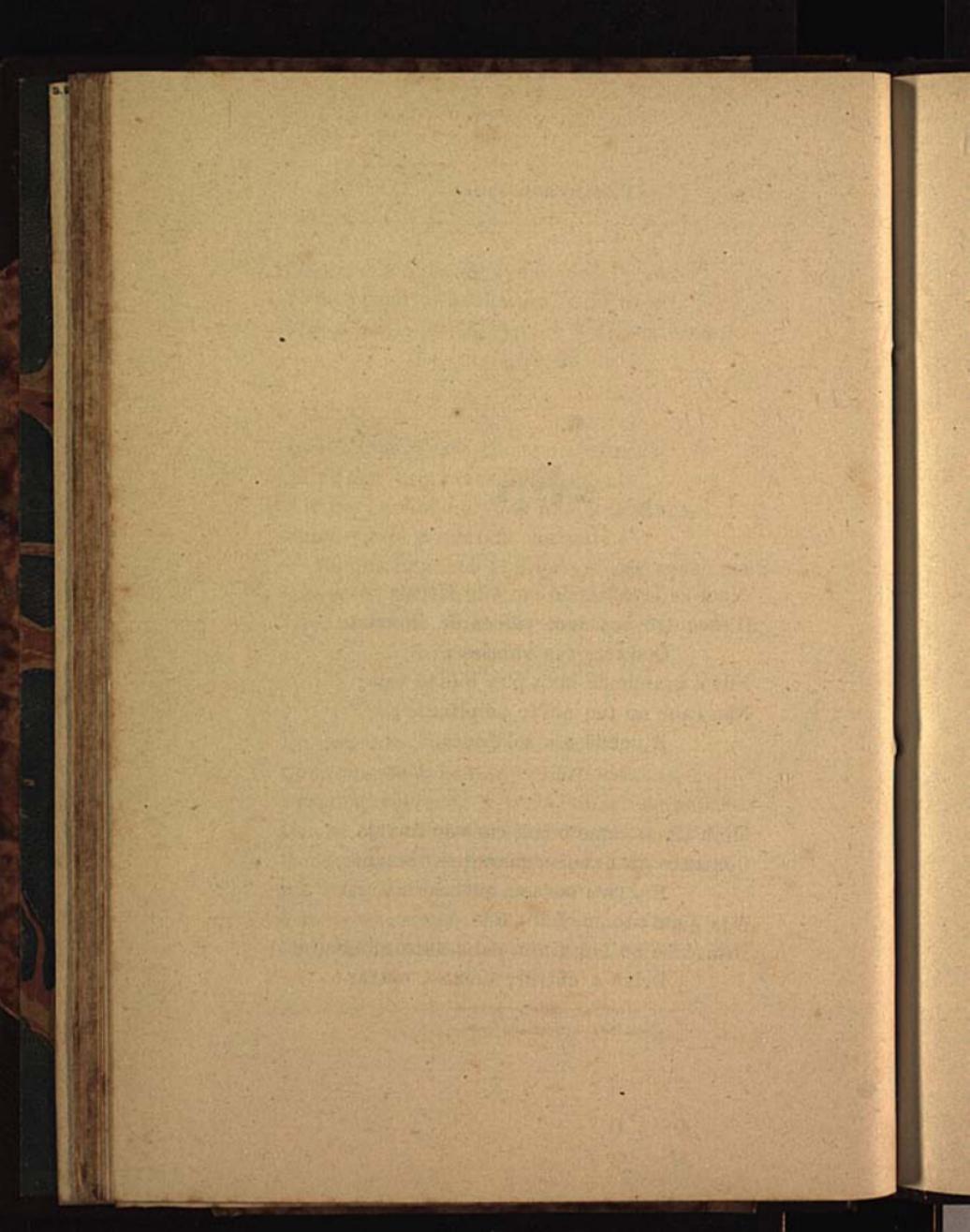


### XVIII

O sol se levantando em vão forceja  
D'encontro aos doze vidros de diamante  
Que tem tua vidraça ;  
Elle é grande de mais p'ra que te veja ;  
Não cabe no teu ninho palpitante ;  
E por isso o sol passa.

Minh'alma, como o sol, em vão forceja  
Contra as grades que tens no peito amante,  
Em vão tenta-as quebrar !  
Ella é um atomo, flôr ! e te deseja ;  
Bem cabe no teu ninho palpitante...  
Deixa-a entrar, deixa-a entrar !





XIX

TARDE ROMANTICA

A CARVALHO JUNIOR

Obliquamente o sol, em purpuras velado,  
Fere com um beijo morno o crespo transparente,  
E aos halitos da luz o tepido ambiente  
Envolve se n'um véo prismático e doirado.

Trescala o incenso, a myrrha, o cravo rescendente  
Nas jarras orientaes; então do cortinado,  
Medrosa, abrindo os véos, n'um gesto namorado,  
Eil-a a Bacchante núa! a Sylphide ridente!

---

Faz-se, agora, talvez, como um mysterio extranho....  
A carne sensual, refrigerada ao banho,  
Toma os crivos, a renda, os folhos, o setim;

Emquanto n'agua fresca e lactea e perfumada,  
O roseo sabonete, a flôr purpureada.  
Desbrocha entr'alva espuma a ponta de carmim.



XX

## MYSTICA

A JOAQUIM MALDONADO

I

Quanta vez, como um'ave misteriosa,  
De ermo em ermo vagando,  
Entre a luz, entre o fumo,  
Não tenho o meu olhar lançado ao céu, sem rumo,  
E o não tenho deixado adormecer chorando  
No azul de alguma noite esplendida e formosa!

Quanta vez, como lagrima suspensa  
E que se esvae a um vento repentino,  
Não sinto-o que me desce,  
Que frio como a neve a palpebra amortece,  
N'aquella noite immensa  
Cheia do resplendor metallico de um hymno !  
Quantas se prende e engasta  
Lá n'esse rio, cujas vagas cerulas,  
Estrelladas de lyrios scintillantes,  
Rolam ondas e ondas de diamantes,  
E onde as mãos de uma alvorada casta  
Ha semeado um turbilhão de perolas !  
Quantas não páira incerto,  
Ouvindo de cem mundos gloriosos  
Os longinuos rumores sonoros,  
Como um bater de ventos no deserto !

## II

D'onde esse errar de mundos sobre mundos,  
Esse errante bater d'azas cançadas,  
Em viagem de pélagos profundos,  
No mysterio das noites encantadas ?  
Quem me arranca do intimo este anseio  
E m'o arremessa ao fundo das alturas,  
Como um crystal que arroja-se no seio  
De umas ondas escuras ?

D'onde o vago mysterio tenebroso  
Que o somnolento espirito circumda,  
Si de um orbe a outro orbe luminoso  
Mais entranha-se errante e mais se afunda?  
Quando as harpas dos páramos vibrantes,  
Psalmodeando os canticos do dia,  
Enternam, como chuva de diamantes,  
Os concertos da mystica harmonia ;

Quando, como os belligeros arnezes,  
A refulgente lamina divina  
Umaz vezes oscilla e n'outras vezes  
De um metallico brilho se illumina ;  
Porque, si a estrella d'alva immaculada  
Desbrocha, como um lyrio n'Oriente,  
Outra estrella, outra nuncia d'alvorada,  
Ha de acórdar-se em nós resplandecente?

.....  
.....

## III

No esplendido luar das noites brazileiras,  
Seguindo a apparição da lucida poesia,  
Como um passaro abrindo as azas forasteiras,  
Assim meu triste olhar se perde e se extasia !

---

E quando sobre o azul do pincaro dos montes  
Seu estandarte d'oiro a madrugada planta,  
Sinto-o apagar-se, assim dos largos horisontes  
Foge a estrella da noite ao sol que se alevanta!



AO SOL POENTE

A ARTHUR AZEVEDO

Lembra-te ainda a tarde, aquella tarde quente,  
A' porta de teu lar, na intima ventura ?  
Como o dia era bello, e como estavas pura !  
Como eu te segredava o meu amor ardente !

Que doce embriaguez da sombra na frescura ,  
Alli, á claridade amiga e transparente  
Do romantico sol avermelhando o poente,  
Alli, onde eu beijei-te os dedos na costura !

-----

Longe, através da cerca, os prismas delicados,  
As arvores, da relva os tons amaciados,  
Dos muros a brancura, o aspecto dos jardins ...

Oh! lembras-te? Do amor á intima fagulha,  
Eu, ao teu lado, flor, ouvia a tua agulha  
Gemer como um punhal no peito dos setins.

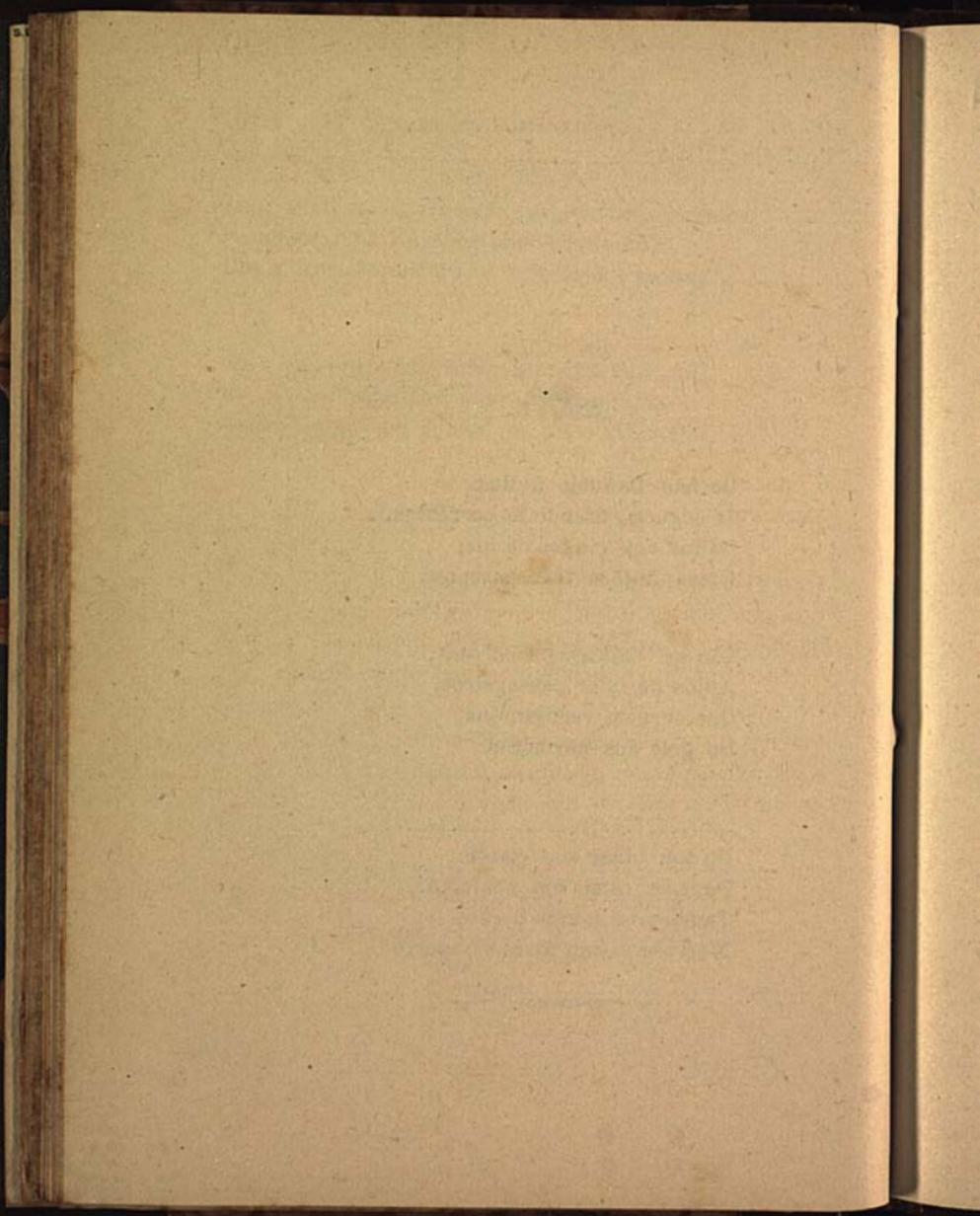
XXII

Do frio Danubio á flux  
Se erguem, fitando as correntes,  
Da lua aos pingos de luz,  
Umas ficções transparentes.

São as Walkirias medrosas,  
Anjos do amor passageiros,  
Que surgem vertiginosas  
Do gelo dos nevoeiros.

.....  
Do teu olhar aos clarões,  
Fugazes como um conforto,  
Tambem se miram ficções  
N'est'alma—um Danubio morto





### XXIII

Outros sonham, talvez, dos olhos teus na onda  
Embarcar-se a correr os mares ideaes,  
Ou por ella descer, como ligeira sonda,  
A's perolas do golpho, aos bancos de coraes.

Tens a riqueza vã de Ophir e de Golconda!  
Nos teus olhos azues, brilhantes, immortaes,  
Eu não sonho, eu não quero as cousas triviaes;  
O que eu sonho, o que eu quero o meu amor esconda.

Não os quizera ver sob esse véu de tulle,  
Nem velados assim de extasis saudosos!  
Eu quizera inspirar-te uma paixão exul!

Quizera, ao te lançar n'um vortice de gosos,  
Minar como um obreiro esse rochedo azul  
E assistir á explosão dos vicios luminosos!





XXIV

TORTURAS DO IDEAL

A JOSÉ DO PATROCÍNIO

I

Podeis sorrir, abrir-vos,  
Rosas e violetas !  
Enchei esse ambiente  
De essencias predilectas !

Podeis voar, ó passaros !  
A selva se perfuma !  
— O meu amor não tolda  
A mais cerrada bruma !

O meu amor é eterno !  
Immenso e immorredouro !  
E' o sol radiante, altivo,  
O astro grande e louro !

Não vos fecheis, ó lyrios !  
Não vos murcheis, ó rosas !  
O' madresilvas brancas,  
Abri-vos perfumosas !

A luz matinal banha  
Do monte a verde espalda.  
Voai, voai, esp'ranças,  
— Insectos de esmeralda !

Enchei, laranjaes verdes,  
O chão de brancas flôres !  
Cantai, aves do céu,  
Alados trovadores !

O meu amor é eterno !  
A essencia de que veio  
É o fluido luminoso,  
Que os astros têm no seio !

II

Eu tenho sobre as nuvens  
Esplendidos castellos!  
Para me alçar da terra  
A' tão altas moradas,  
Subo pelas escadas  
Das tranças de uns cabellos!

Das suas aureas torres,  
As minhas esperanças  
Debruçam-se p'ra ver-me,  
Como gentis creanças!

Tem cada qual nos labios  
Não sei bem que poemas,  
E prendem seus cabellos  
Uns lucidos diademas.

Pelas janellas sempre  
Entra o luar em cheio  
E entorna de seu seio  
Sobre as tapeçearias  
Per'las, doiradas conchas,  
Luzentes pedrarias.

Nos minaretes altos,  
Quaes passaros de luz,  
Pousam milhões de estrellas,  
Milhões d'astros azues.

N'essas regiões ignotas  
Só eu peetro ousado ;  
Lá vive o meu amor,  
O lucido exilado.

Para me alçar tão alto  
A'quelles meus castellos,  
Uns olhos são me — guias,  
E escadas — uns cabellos.

III

O meu amor é um mundo  
Bello e desconhecido,  
Nas regiões perdido  
De uns astros sideraes ;

Onde ha um luar eterno,  
Em fundo azul radiante,  
Que enche a cada instante  
Os mares de crystaes.

Onde creanças louras,  
Cheias de pallidez,  
Soltam as tranças aureas  
Dos hombros na nudez.

---

Onde encantados genios  
Se cruzam pelo espaço,  
E os sylphos adormecem  
Dos sonhos no regaço.

Oh ! não me bate o seio  
De alguém o ir buscar !  
Tão alto fica!—A elle  
Quem leva-me é o luar !

IV

Que sombra pesada é esta  
Que passa, a cada momento,  
No meu bello firmamento  
Vestido de gala e festa ?

Porque ao pé da alegria  
Ha de se erguer a tristeza,  
A noite junto do dia,  
Diz-me porque, Natureza ?

Pois para tudo uma sina  
Assim tão negra creaste?  
Porque pende a flôr na haste  
Ainda á luz matutina ?

E a nós, no viço da idade,  
A' luz da vida tão nova,  
Porque o problema da cova,  
O *umbra et nihil* da eternidade ?

Porque no nosso degedo,  
Nos fere sempre esse espinho ?  
Porque topar no caminho  
Sempre a morte—esse rochedo ?

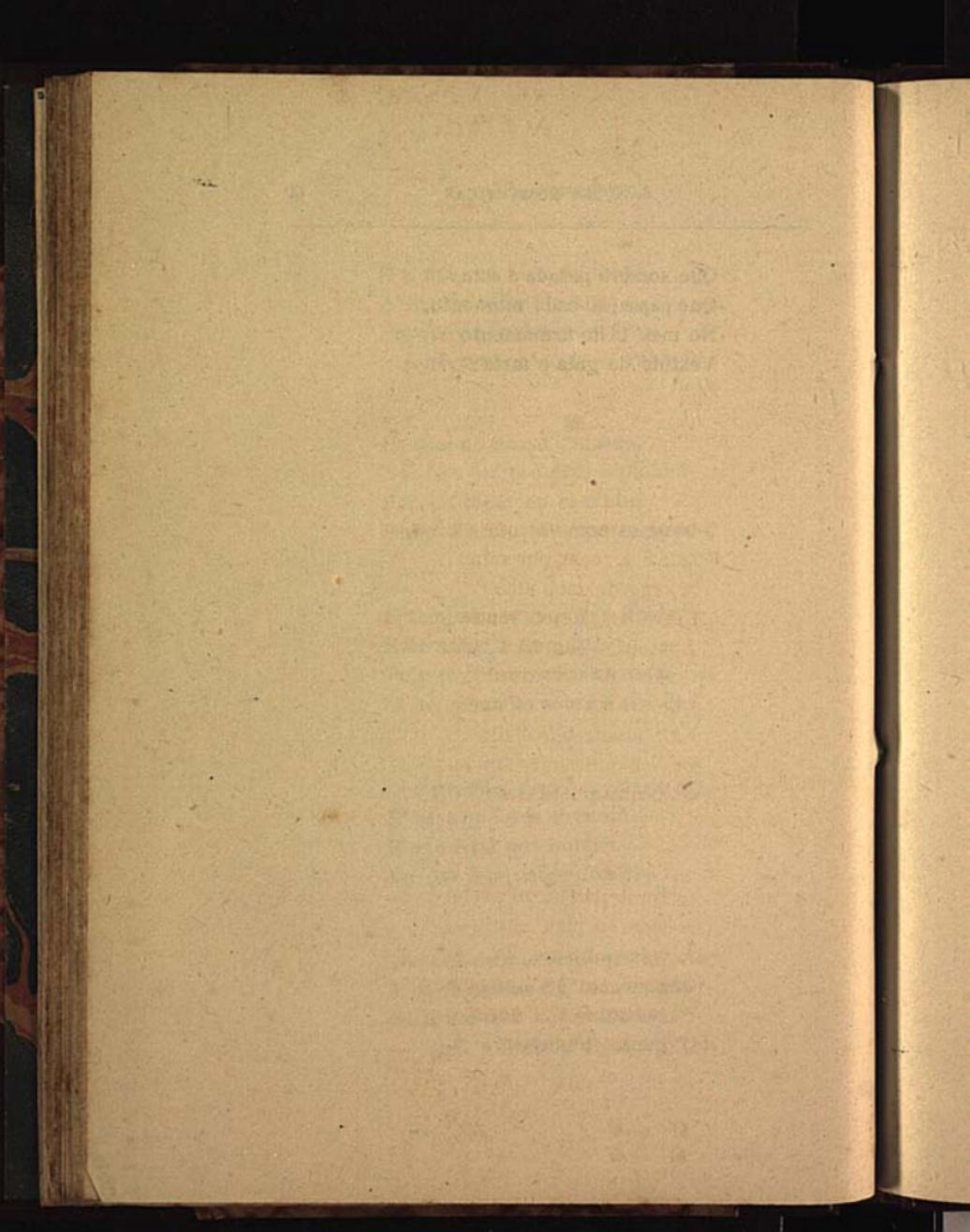
E sempre essa voz que illude,  
Essa alegria fingida !  
Pois póde haver luz na vida,  
Si ha sombras sobre o ataúde ?

Que grande, negro mysterio  
E' esse que nos circumda,  
E que fatal nos inunda  
De um frio pallor funereo ?

Haverá na morte um porto  
P'ra os nautas da tempestade ?  
Será um mar a eternidade ?  
— Qual o destino do morto ?...

---

Que sombra pesada é esta  
Que passa, a cada momento,  
No meu bello firmamento  
Vestido de gala e festa?



## V

Onde estaes vós, que eu via  
Quasi a roçar por mim,  
Astros do meu amor?  
Estrellas que eu sentia  
Abrirem-se ao meu lado,  
Como botões de flôr!  
Que bruma vos esconde  
Lá n'esse céu fechado?  
Onde é que estás, aonde,  
O' minha phantasia?

Quem despertar-me veio  
A vida no meu seio,  
A vida, á luz do dia,  
Quando, entre sonhos mansos,  
Eu só amava a noite,  
O' minha phantasia?

---

O' sol! vae tu nas aguas  
A fronte mergulhar!  
Crepusc'lo! luz do dia,  
Esparecei no mar!  
— Chegae, chegae da noite,  
O' sombras perfumosas!  
Vinde ennastrar de rosas  
Meu leito de sonhar!

VI

*Vozes no ar*

As minhas azas são brancas  
Como um novello de espumas ;  
Como as perolas cahidas  
Do alvo collar das brumas !  
Sobre as minhas azas brancas,

Vem !

— Que tantas mulheres bellas !  
Que tão formosas donzellas  
Ha, além d'aquellas estrellas,  
Além !

As almas que o sol receiam,  
Que temem do sol as brazas,  
Eu, doce raio da lua,  
Conduzo nas minhas azas !  
Sobre as minhas azas brancas,

Vem !

Ha, d'esta terra distantes,  
Mil palacios deslumbrantes,  
Cobertos de diamantes,

Além !

Que clara é a noite, e formosa !  
Que face de céu tão nua....  
— Quem és tu que assim me fallas,  
N'um frio raio da lua ?  
— Vem nas minhas azas brancas,

Vem !

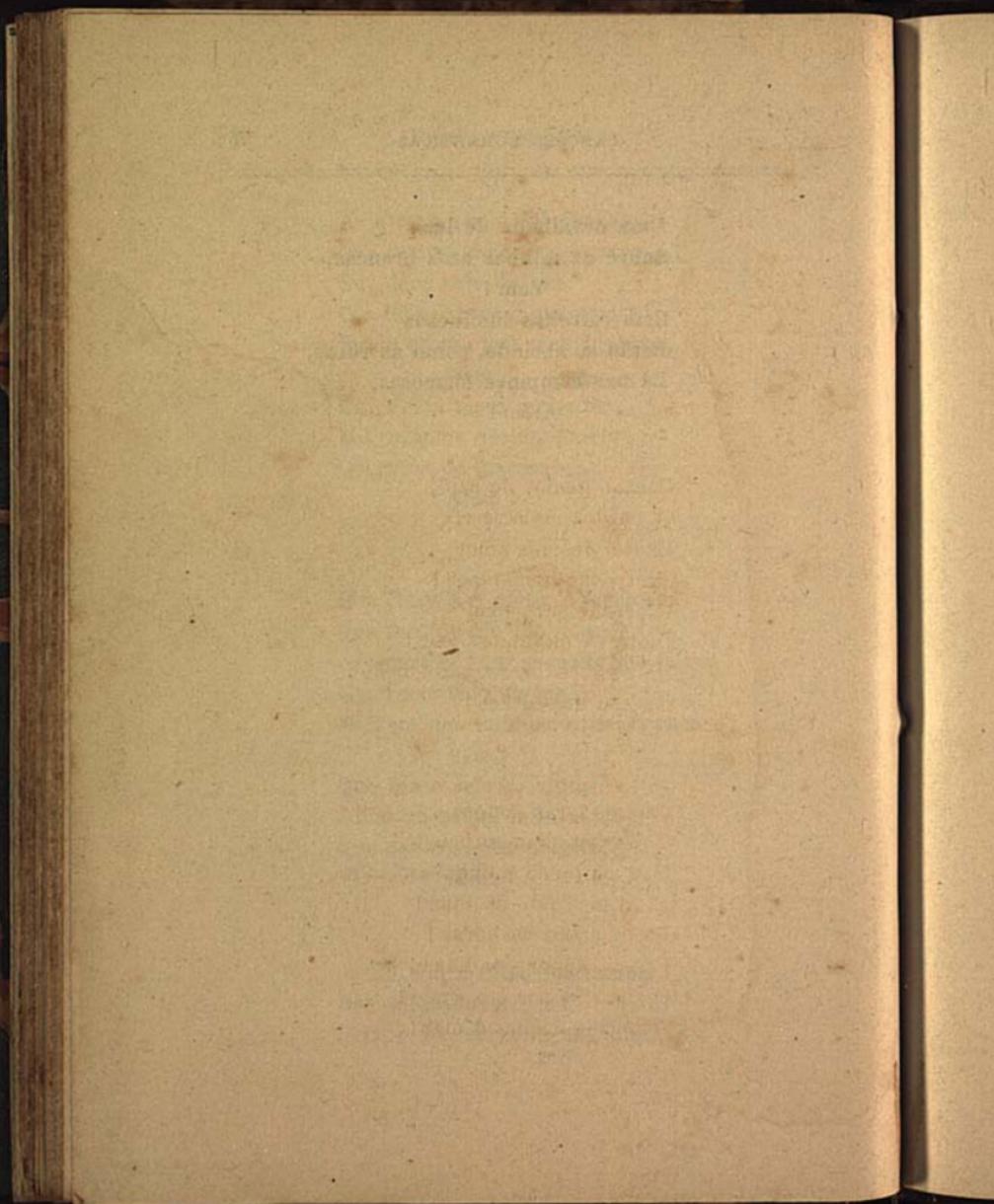
Que tanto seio se agita  
Além na plaga infinita !  
Que tanto sonho palpita,

Além !

— Eu sou a filha dos ermos,  
Das soledades azues !  
Deixou-me, errando na noite,

---

Uma orvalhada de luz ;  
Sobre as minhas azas brancas,  
Vem !  
Cem estrellas luminosas  
Estão se abrindo, como as rosas,  
Lá nas campinas formosas,  
Além !



VII

Cantai, genios do azul,  
O' bardos invisiveis!  
Cantai do meu amor  
As trovas immortaes!  
O pensamento exul  
Desterra os impossiveis!  
Ha sempre um mundo em flôr  
No ceu dos ideaes!

Cantai, lyras sonora.,  
O' harpas diamantinas!  
Meu céu, meu mundo esplende  
A' branca flôr do luar!  
Eternas são as horas!  
Passai, doudas ondinas!  
O' mar! a voz suspende!  
Astros — enchei o mar!

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mirrored and difficult to decipher due to the bleed-through effect.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is mirrored and difficult to decipher due to the bleed-through effect.

VIII

Por uma escada brilhante,  
Que do céu prende-se á terra,  
Minha alma, saudosa amante,  
Sobe até o mundo distante  
Em que seu amor se encerra.

Depois de na estancia pura  
Gozar de uns sonhos de paz,  
Quer voltar á terra escura;  
Procura a escada, procura...  
Procura... não a vê mais!

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

Handwritten text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

IX

Eu ia uma noite, só,  
Cortando os ares azues,  
Buscar-te as azas de luz  
Com as minhas azas de pó.

Quando no fino alabastro  
Das mil estrellas tocava,  
Todo o meu ser se inflammava  
Do vivo fogo de um astro.

Era que as chammas dos céus,  
Que aquelles cyrios bebiam,  
Dos teus olhares partiam,  
Dos grandes olhares teus.

---

E foi porisso que, só,  
N'aquelles ares azues,  
Senti tornaças de luz  
As minhas azas de pó!

X

I

A's vezes eu não sei  
Que magua me lacera,  
Que mesmo nem quizera  
Te ver ao pé de mim.

Me pungem teu olhar  
E tua voz serena ;  
Não posso olhar sem pena  
O teu semblante assim.

## II

Que sempre a nós nos fira  
A dor d'essa tristeza!  
O' mundo! ó natureza!  
Que tendes sobre nós?

Que existe além da sombra?  
Accaso ao fim do dia  
A' noite erma e sombria  
Iremos ter a sós?

## III

Além, por terra estranha,  
O meu olhar divaga:  
— E' linda aquella plaga!  
Eu amo aquelle céu!

Alli, sob o arvoredó,  
A vida como fõra,  
A' claridade loura  
De algum luar sem véu!

## IV

Mas ah! em toda a parte  
O grande horror se encerra!  
E' feia, é vil a terra!  
Eu nunca amei-a, não!

Um'arvore é um cypreste...  
Eu temo-te, arvoredo!  
E como fazes medo,  
O' pallido clarão!

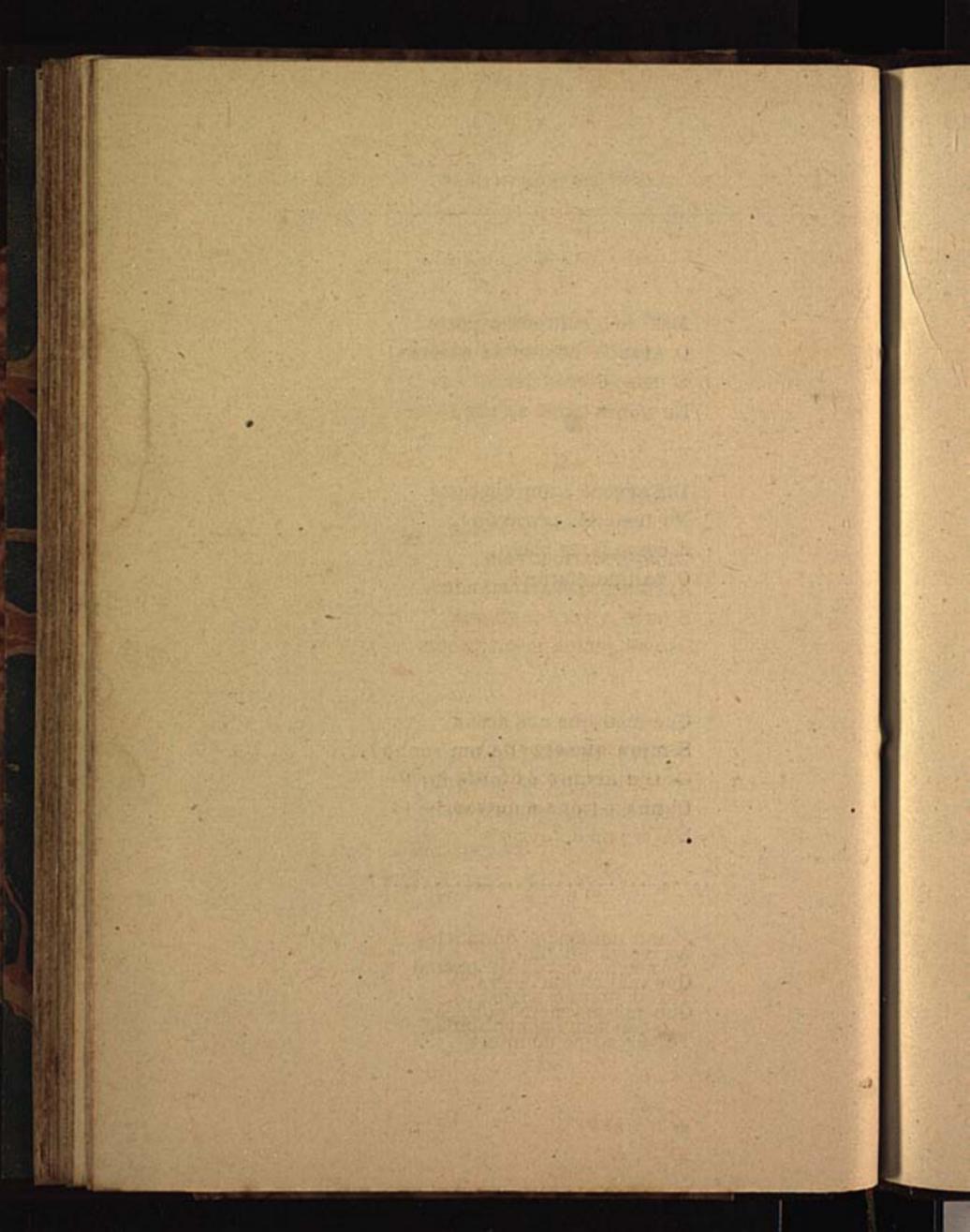
## V

Que mão que nos acena  
Sempre atravez de um sonho?...  
— O' tumulo! és medonho!  
O' morte! és sempre assim!

.

.....

As vezes eu não sei  
Que magua me lacéra,  
Que mesmo nem quizéra  
Te vêr ao pé de mim!



XI

Como sudarios. vejo  
As nuvens se arrastando,  
E ouço a voz longinqua  
De uns genios pranteiando.

E a lua que apparece,  
Com a alvinitez de um lyrio,  
Pasma porque a um morto  
Irá servir de cyrio.

Como um lençol de morte,  
Se alarga o véu da bruma  
No ar pesado e frio;  
E o céu sem luz nenhuma,

---

Vejo arquear-se tremulo  
Cheio de nodoas pretas ;  
Na terra, como uns ais,  
Morrem as violetas !

O' noite ! no teu seio  
Ha um grande cemiterio !  
Eriai, sombras do tumulo !  
O' filhas do mysterio !

O' meu amor ! teu feretro  
Que não cabe no mundo,  
A noite vai guardal-o  
Ao seio seu profundo !

XII

Era ao morrer da noite.  
Eu via o negro bando  
Das sombras, pouco a pouco,  
Se ir evaporando ;  
E pranteiava, quando,  
Argentea, luminosa,  
Vi da amplidão superna  
Uma encantada lagryma  
Rolar s'enciosa.  
E n'isso— o olhar immerso  
No céu,— se desfaziam  
As nuvens ; as estrellas  
No azul appareciam.  
E então, qual essa lagryma,  
Immensa, alva, divina,  
Vi levantar-se tremula  
A Venus matutina !

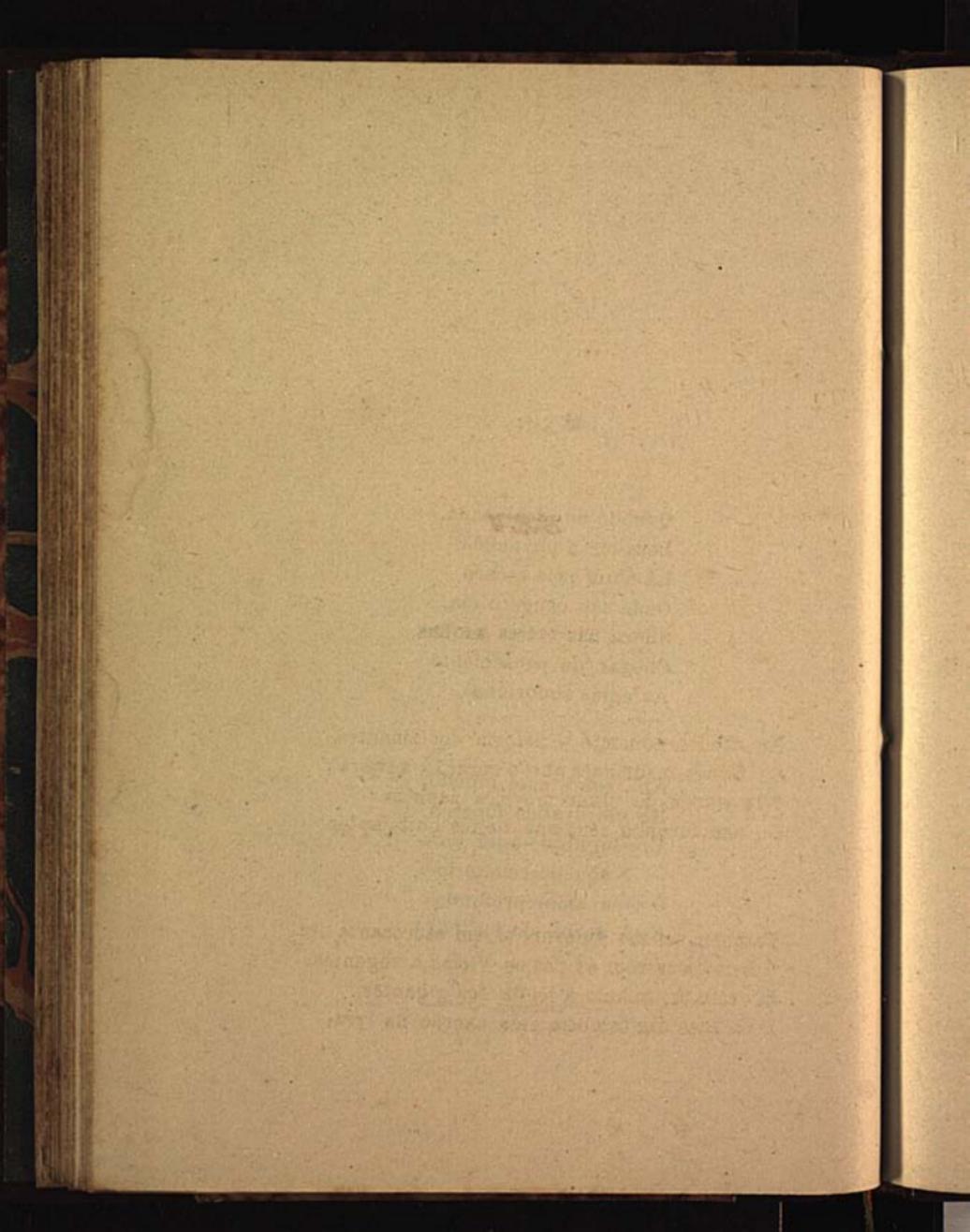
Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

XIII

Quando ao ideal ainda  
Leva-me a phantasia,  
Lá n'um paiz escuro  
Onde não chega o dia,  
Sinto, nas noites minhas,  
Chegar do pensamento  
As ageis andorinhas.

Ahi, sobre esse mundo,  
Ha um dystico funereo,  
Um lugubre— aqui jaz—  
— N'aquelle cemiterio  
O meu amor profundo  
Está dormindo em paz!





**XXV**

A FONTOURA XAVIER

Eu não leio sómente a história dos amantes,  
Os ternos madrigaes que o coração suspira ;  
Não vivo só de olhar a lyrica saphira  
Do amadornado céu, nas noites gottejantes.

Tambem sei me enlevar, si, em sacrosanta ira,  
O Bem calca com os pés os Vícios arrogantes,  
E, como tu, folheio a lenda dos gigantes,  
E sei lhes dar tambem uma canção na lyra.

---

Por isso, de meu quarto os tres degráus subindo,  
Verás sobre o Intermezzo a Ilyada se abrindo,  
Emquanto, ao muro, além, velando a filigrana,

Como faz um fidalgo aos pallidos avós,  
Está um Bayard guerreiro aos pés d'uma sultana,  
As Venus ideaes ao lado dos heroes.

XXVI

O MEZ DE OUTUBRO

A ARTHUR AZEVEDO

Ventava um tanto a Leste. Ao longe, onde diffusa  
Via-se uma suave e molle claridade,  
A um cerro, a uma rocha, a um monte em orphandade  
A neve preparava a algodoad blusa.

No silencio do ar havia um quer que fosse  
De uma asa a fechar-se. A olympica frescura,  
O azulado ideal das petalas da altura  
Tinha os tons de um sorrir religioso e doce.

---

Havia um bocejar de luz prometheana.  
Era a estrella a morrer. Um vinho de luz turva  
La enchendo do céu a taça semi-curva  
Voltada na amplidão com uns tons de porcellana.

Começou a cantar um'ave n'esse instante ;  
E alguém que contemplasse as vias luminosas,  
Veria um apertar de mãos mysteriosas  
E uns deuses a correr no paramo arquejante.

Depois um ciciar de boccas e de arminhos,  
Como um beijo na sombra. Após, no descampado,  
O silencio em que fica um leito abandonado  
Na branca confusão das rendas e dos linhos.

A luz sarjava o ar de um sentimento rubro.  
O oceano acordou-se á uma harmonia extranha,  
O sol poz-se a espiar por trás d'uma montanha...  
— Foi assim que se fez o bello mez de Outubro.

---

**XXVII**

LUZ NOVA

A A. BARREIROS

I

De ha muito eu ando a pensar  
Si o louro de tuas tranças  
Será mais que o do luar  
Das minhas novas esp'ranças;

E si haverá por ventura  
Em todo o lago dos céus  
Um cysne de mais alvura  
Que o cysne dos sonhos meus,

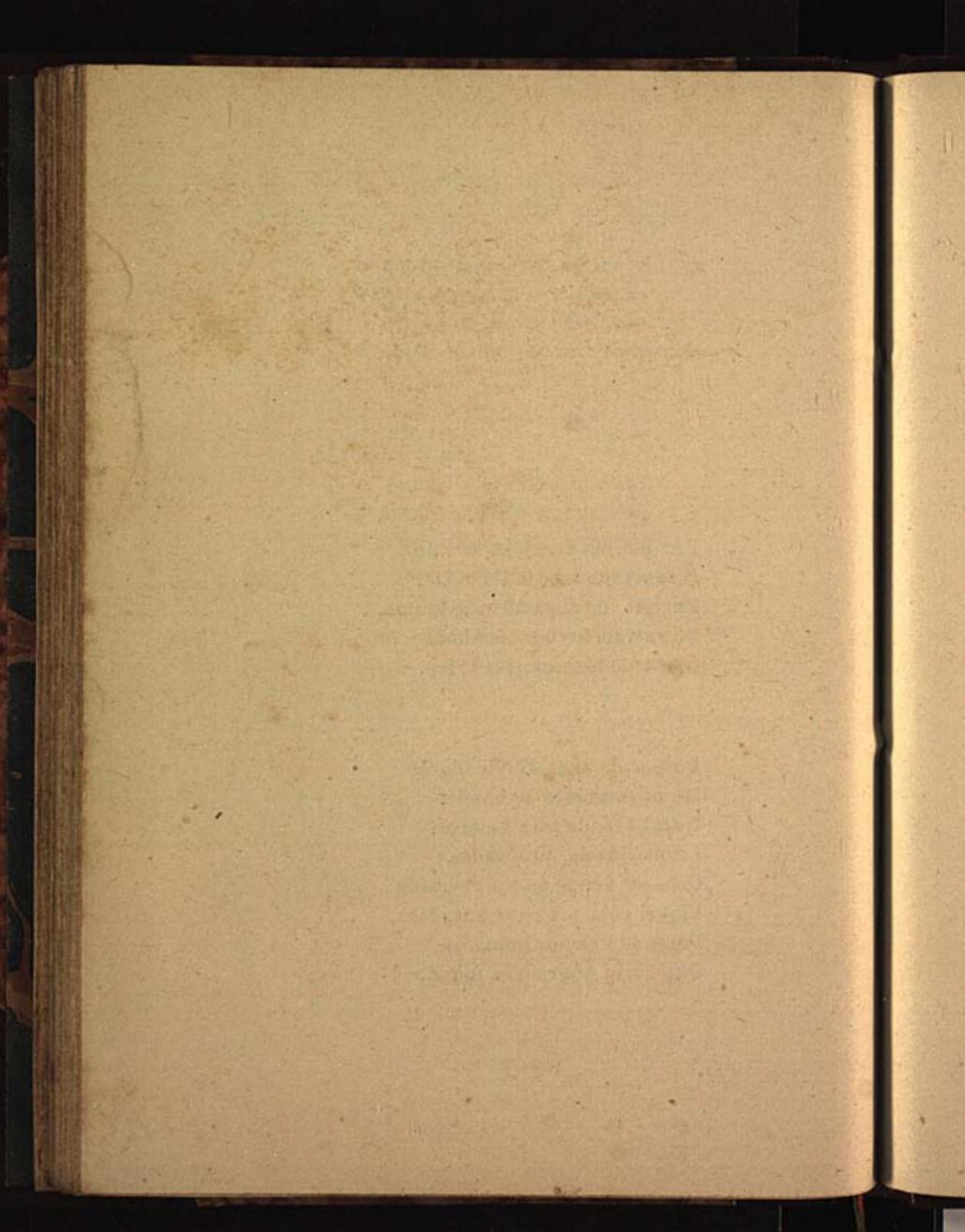
E' um prodigio, um portento  
Ver n'um instante mudado  
O escuro de um céu nublado  
No azul de um bom firmamento.

E foi o que tu fizeste,  
O' loura ! n'est'alma inteira:  
Plantaste um pé de roseira  
Aonde eu tinha um cypreste !

## II

Por muitas vezes eu scismo  
N'essas mudanças seguidas,  
Em que, de abysmo em abysmo,  
Ou salvam se muitas almas  
Ou perdem-se muitas vilas.

Porém de taes resplendores  
Me appareceste banhada,  
De tal luz, de taes amores,  
Inconcebiveis, profundos ;  
Que, ao ver-te assim rodeiada,  
Fiquei com a fronte suspensa,  
Pensando na luz immensa  
Que corre nos outros mundos !



III

Disseram-me hontem, filha,  
Fallando-se a teu respeito,  
Que alguem que ouvira te1 peito  
Bater por sob a escomilha ;

Que alguem, algum trovador,  
Que com a tuba dos tinteiros  
Cantava assumptos guerreiros  
Mas não assumptos de amor ;

Ao desfolhar de um sorriso  
De acre ironia manchado,  
Puzera a penna de um lado  
Rompendo n'um improviso.

---

Aquelle olhar fundo e celico  
Todo esvaiu-se n'um cantico,  
E o nosso trovador bellico  
Fez-se poeta romantico.

Quiz crer... mas tu me disseste  
Que tens o peito gelado,  
Como o marmor olvidado  
No olvido de campã agreste !

IV

A' noite, quando reunidos  
A' ceia, em redor da mesa,  
Em frente um d'outro sentados,  
Ah ! me parece que escuto  
Gemer a minh'alma prèsa  
Na roda de teus vèstidos  
Por nossos pés espalhados.

Depois eu sinto que a bebas  
De gole em gole, tyranna !  
Si do teu labio approximas  
A chic'ra de porcellana.

---

Mas n'esse engano em que, lento,  
Sómente eu sinto os abrolhos,  
Para vingar-me, sedento,  
Erguendo a chavena pura,  
Creio que ao chá de mixtura  
Estou bebendo os teus olhos!

V

Metade nos teus cabelos,  
Outra metade afastada,  
Minh'alma vive abafada  
Na gemonia de uns anhelos !

De que lhe valem as azas  
Que lhe déste pr'a voar,  
Si ella ascender nunca póde  
Ao teu sacrissimo altar !

És a estrella que clarêa  
E foge,—a onda que alaga ;  
— Onda,—chamaste-me a arêa,  
Astro—chamaste-me a vaga.

Ah ! que eu só veja em assombro  
Todos os dias, ó flôr !  
A garça do teu amor  
Pousar-me per sobre o hombro !

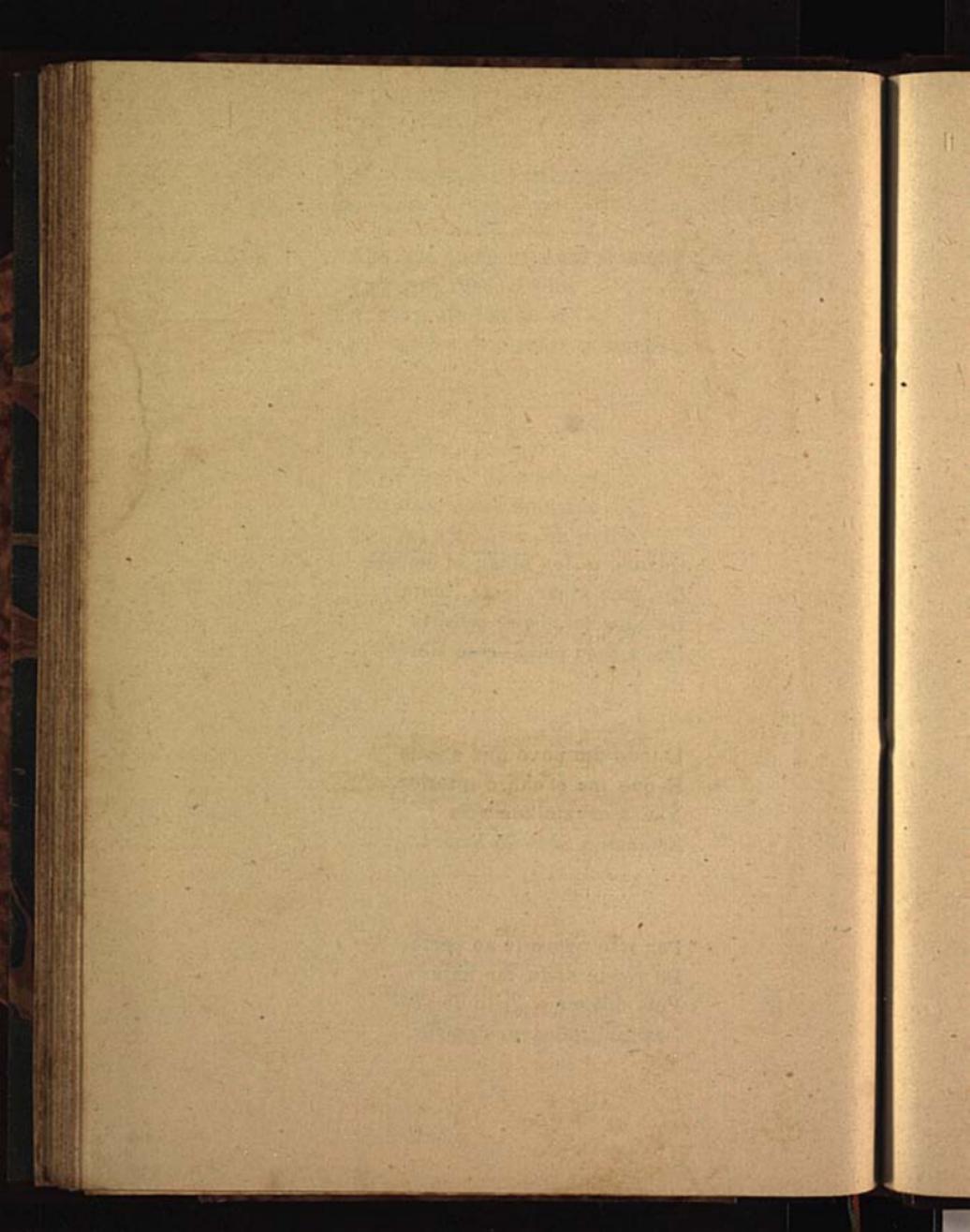
E que seu vôo suave,  
Pelos rosaes do caminho,  
Não siga, como ura ave  
Que vai em busca do ninho !

VI

Quando o teu olhar se embebe  
Em meu olhar, lenta, lenta,  
Ha uma fonte que rebenta  
Em o meu peito—esse Horeb!

E todo um povo que aneia  
E que me erche o interior,  
N'essa crystallina veia  
Estanca a sê le do amor!

Por isso quero-te ao perto;  
De ver-te nada me impede,  
Pois dóe me o grito de sêde  
Das multidões no deserto.



VII

Não sei onde ha mais pennas:  
Si no leito de teu cóllo,  
Si no das crenças serenas  
Que abriste p'ra meu consolo.

E' de uma belleza extrema  
Tua voz si balucia  
Esse cantico—Maria!  
E—Jesus—esse poema!

Si fallas dos céus, dos astros,  
De Deus, da luz, d'alvorada,  
Quando, branca, ensanguentada,  
Morria-me a fé de rastos!

---

Não sei onde ha mais pureza:  
Si no olhar que diz—amor!  
Si no que exclama—Senhor!  
E diz a nós—Natureza!

VIII

Quando, ao meu lado, eu, assim,  
Vejo-te aerea e tão bella,  
Que até te julgo uma estrella  
Suspensa por sobre mim...

Quando te sinto ao meu lado,  
Tão pura, tão casta, ó pomba !  
Como uma benção que tomba  
Lá do azul immaculado...

Quando—pequenos gigantes—  
Em mim teus olhos tu cravas,  
Teus olhos—setineas lavas,  
E como que palpitantes...

---

Quando essas duas turquezas  
D'est'alma lanças n'oceano,  
Com o cllar indiano  
D'aquellas mortas princezas...

Ah! eu não sei o que exprime  
Todo o meu ser n'esse efluvio!  
Sente as flammas do Vesuvio...  
Sente as vertigens do Crime!

IX

Aquella florzinha azul  
Que hontem trouxeste do campo,  
E que era o berço anilado,  
Talvez, de algum perylampo,  
Pelos vargedos exul ;  
Morreu... seu rosto esmaiado  
Tinha... não sei bém a côr ;  
Tinha a côr do leito amado,  
Onde, lampyrrio adorado,  
Tu dormes, ó meu amor !

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

X

Eu sei que mais que aos meus versos  
Amas á noite escutares  
A voz de alguma viola,  
Os sons d'uma aria hespanhola  
Pelos serenos dispersos.

E' que, disseste uma vez,  
Ha um què de mais harmonia  
N'estes sons que a poesia  
De teus versos nunca fez.

Para poder te agradar  
Hei de mandar ajuntar  
A's cordas de minha lyra

---

As cordas de um bandolim ;  
E quando eu cantar, assim,  
Do amor na volupia immersos,  
Ao céu não leves o olhar,  
Porque ta luz do luar  
'Starão chorando os meus versos.

XI

Não amo o lar em que moras,  
E eu sei que é lindo o teu lar,  
Pois a tua casa branca  
Tem janellas para o mar !

Temo, é que amo-te e muito !  
Temo que o monstro algum dia,  
Saltando da jaula fria,  
Não queira te arrebatár.

E's minha só, e por mim  
E' só que deves pensar...  
Porque passeias na praia ?  
Porque contemplas o mar ?

---

Não amo o teu lar! Si eu fosse  
A viração, ao passar,  
Fechára aquella janella  
Que se abre para o mar!

XII

Como tu vês, no meu peito  
Lançaste este amor profundo,  
Que eu não acho um mundo aonde  
Me abrigue com este mundo.

A mim, pequeno que era,  
Encheste de luz tamanha,  
Que eu me pareço um gigante  
Carregando uma montanha.

E em meio de meu caminho,  
Eu sei, s um dia cançar,  
O peso d'esta montanha  
Ha de exprimer-me e esmagar.

---

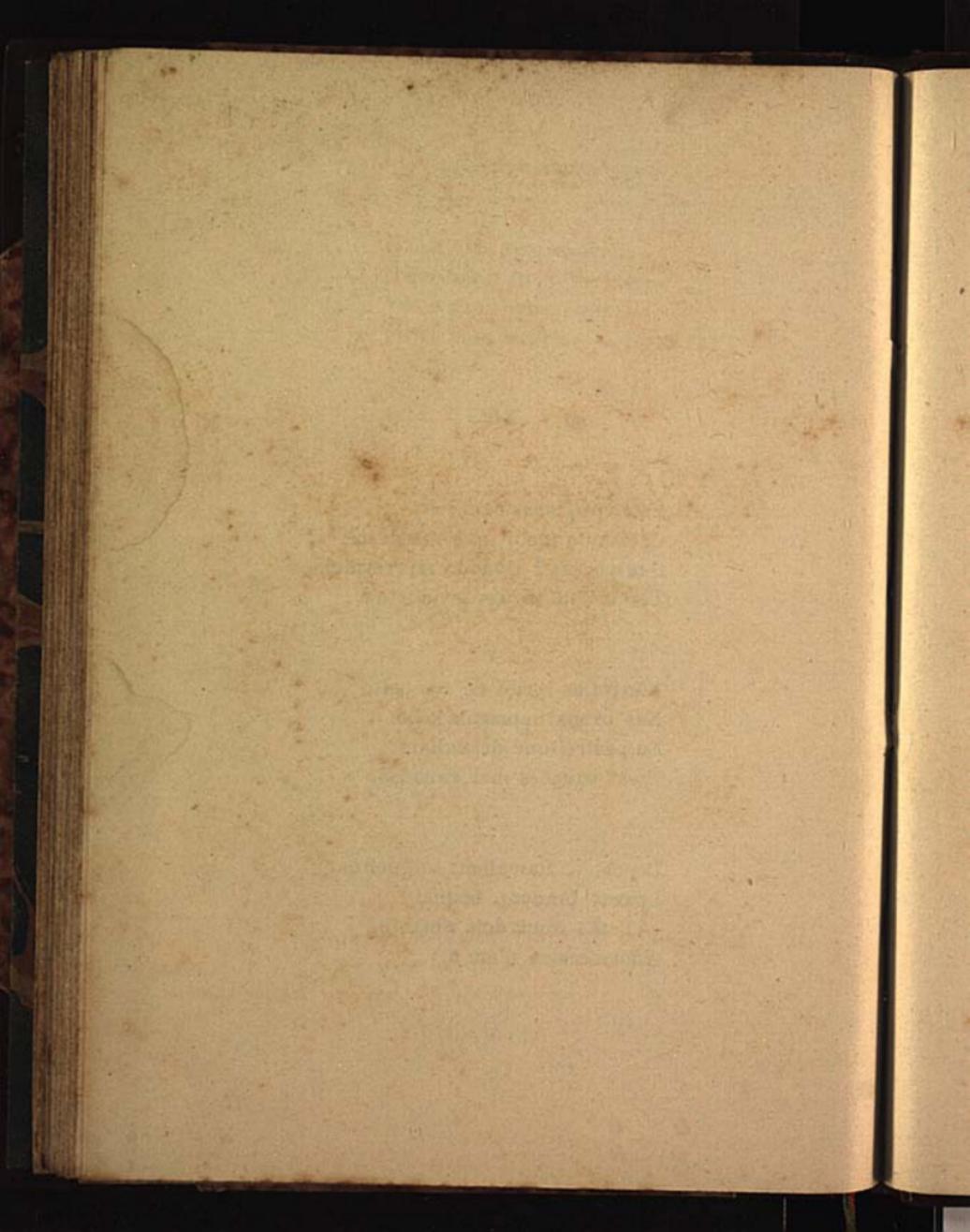
E sob esse peso enorme  
O que serei eu?—Me aterra  
Ver o azul—esse infinito—  
Sobre essa migalha—a terra !!!

XIII

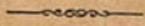
Estas pequenas canções  
Cheias do amor que me deste,  
Que pensas? Quando morreremos  
Terão também seu cypreste?

Não! Dos lyrios de teu peito  
Nas urnas immaculadas  
Eu pedirei que deponham  
Essas canções mal rimadas.

Depois... Ramalhai, salgueiros!  
Luares brancos, brilhai!  
— Estão aqui dois amantes  
Adormecidos n'um ai!



# INDICE



	PAGS.
I Apparição nas aguas.....	1
II Vaporosa.....	9
III O idolo.....	11
IV Trindades.....	14
V Calma no mar.....	15
VI Tenebrosa.....	17
VII O collar.....	19
VIII A' sombra das arvores.....	21
IX Quadro antigo.....	23
X Primeiro beijo.....	25
XI Visão das ruinas.....	27
XII Interior.....	31

II	PAGS.
XIII Ondulações.....	35
XIV Triumpho satânico.....	37
XV Na alameda.....	39
XVI Toilette lyrico.....	43
XVII Tenebrosa.....	45
XVIII O sol se levantando em vão forceja....	47
XIX Tarde romantica.....	50
XX Mystica.....	51
XXI Ao sol poente.....	55
XXII Do frio Danubio a flux.....	57
XXIII Outros sonham, talvez, dos olhos teus na onda.....	59
XXIV Torturas do ideal.....	61
XXV A' Fontoura Xavier.....	93
XXVI O mez de outubro.....	95
XXVII Luz nova.....	97

